

**Questão 01)**



*Abaporu*, Tarsila do Amaral

*O herói deu um espirro e botou corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum home taludo. Porém a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda e com carinha enjoativa de piá.*

(Mário de Andrade, *Macunaíma*, capítulo II)

*As lágrimas escorregando pelas faces infantis, do herói iam lhe batizar a peitaria cabeluda. Então ele suspirava sacudindo a cabecinha:*

*— Qual, manos! Amor primeiro não tem companheiro, não!...*

(Mário de Andrade, *Macunaíma*, capítulo IV)

A partir da imagem e dos excertos, verifique as afirmações abaixo:

- I. O quadro de Tarsila do Amaral usa uma figura nua que pode ser interpretada como mal desenvolvida intelectualmente (cabeça pequena), com destaque para o trabalho braçal (mãos grandes) e para ligação à terra (pés enormes).

**LISTA EXTRA: MODERNISMO**

- II. Os textos de Macunaíma estabelecem um paralelo com a tela de Tarsila do Amaral, uma vez que o herói é apresentado com corpo adulto e com cabeça de criança.
- III. Tanto o quadro de Tarsila do Amaral quanto os fragmentos de Mário de Andrade confirmam a proposta da 1ª geração modernista brasileira de resgatar certos fundamentos do Movimento Antropofágico, como a idealização do índio.

É correto o que se afirma em:

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.

**Questão 02)**

*Para desvirginar o labirinto*

*Do velho e metafísico Mistério,*

*Comi meus olhos crus no cemitério,*

*Numa antropofagia de faminto!*

*A digestão desse manjar funéreo*

*Tornado sangue transformou-me o instinto*

*De humanas impressões visuais que eu sinto,*

*Nas divinas visões do íncola<sup>1</sup> etéreo<sup>2</sup>!*

*Vestido de hidrogênio incandescente,*

*Vaguei um século, improficuamente<sup>3</sup>,*

*Pelas monotonias siderais...*

*Subi talvez às máximas alturas,  
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,  
É necessário que ainda eu suba mais!*

(“Solilóquio de um Visionário”, de Augusto dos Anjos, *Eu e Outras Poesias*)

<sup>1</sup> **íncola**: habitante

<sup>2</sup> **etéreo**: referente ao céu

<sup>3</sup> **improficuamente**: inutilmente

Augusto dos Anjos é um poeta contextualizado no Pré-Modernismo, época literária em que houve um entrecruzamento de várias posturas artísticas. Assinale a opção que traz um aspecto de estilo **não** incorporado no poema acima.

- Do Modernismo, em sua fase inicial, a busca pela hegemonia da cultura popular, com linguagem acessível.
- Do Parnasianismo, o rigor formal, a escolha do soneto com uso de rimas ricas, ou seja, com palavras de classes gramaticais diferentes.
- Do Simbolismo, a evocação do aspecto espiritual, mais as referências ao metafísico, etéreo, vago e misterioso.
- Do Naturalismo, a utilização de vocabulário científico (“hidrogênio”) e imagens agressivas, antirromânticas.
- Do Expressionismo, o gosto pelo grotesco, com imagens deformadas, pelo tom de exagero.

### Questão 03)

Considere os dois excertos que seguem.

I

*E disse: “Ó gente ousada, mais que quantas  
No mundo cometeram grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas (...)”*

(*Os Lusíadas*, Luís de Camões, canto V)

II

*Aquí ao leme sou mais do que eu:  
Sou um povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo,  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El-Rei D. João Segundo!*

(*Mensagem*, de Fernando Pessoa, 2ª parte)

Em I, o Gigante Adamastor fala aos navegantes portugueses que queriam, pioneiramente, atravessar o Cabo das Tormentas a caminho das Índias; em II, o timoneiro fala ao mostrengo o porquê de a embarcação lusitana estar enfrentando os perigos do mar.

A partir dos excertos e dos comentários, assinale a afirmação que esteja **incorreta**.

- Ambos os fragmentos trazem em suas falas o sentido de coletividade do povo português.
- Os dois excertos fazem menção ao fundamento histórico da expansão ultramarina promovida por Portugal.
- A fala do Gigante, em I, acusa os portugueses de guerreiros cruéis; a do timoneiro, em II, é mais branda, tem um tom de pedido.
- Camões, poeta clássico renascentista, usou a medida nova dos versos decassílabos;

Fernando Pessoa, modernista, fez métrica irregular.

- e) Metaforicamente, os fragmentos demonstram que a expansão lusitana passou por obstáculos caros ao ser humano.

*de escolher nossas lembranças*

*e revertê - las, acaso*

*se lembrem demais em nós.*

*Façamos, meu bem, de conta*

*– mas a conta não existe –*

*que é tudo como se fosse,*

*ou que, se fora, não era.*

(...)

Carlos Drummond de Andrade, *Claro Enigma*.

#### Questão 04)

*Cantiga de enganar*

(...)

*O mundo não tem sentido.*

*O mundo e suas canções*

*de timbre mais comovido*

*estão calados, e a fala*

*que de uma para outra sala*

*ouvimos em certo instante*

*é silêncio que faz eco*

*e que volta a ser silêncio*

*no negrume circundante.*

*Silêncio: que quer dizer?*

*Que diz a boca do mundo?*

*Meu bem, o mundo é fechado,*

*se não for antes vazio.*

*O mundo é talvez: e é só.*

*Talvez nem seja talvez.*

*O mundo não vale a pena,*

*mas a pena não existe.*

*Meu bem, façamos de conta.*

*De sofrer e de olvidar,*

*de lembrar e de fruir,*

Em *Claro Enigma*, a ideia de engano surge sob a perspectiva do sujeito maduro, já afastado das ilusões, como se lê no verso - síntese “Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.” (“Legado”). O excerto de “Cantiga de enganar” apresenta a relação do eu com o mundo mediada

- pela música, que ressoa em canções líricas.
- pela cor, brilhante na claridade solar.
- pela afirmação de valores sólidos.
- pela memória, que corre fluida no tempo.
- pelo despropósito de um faz - de - conta.

#### TEXTO: 1 - Comuns às questões: 5, 6

*Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, “destroem” o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói. E prendem - nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz - nos o mundo outro, irreal, neles configurado (...). No entanto, da adesão a esse “mundo de papel”, quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri - lo, sentindo - o e pensando - o de maneira diferente e nova. A ilusão,*

*a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar - se dele, transfigurando - o; e aclara - o já pelo insight que em nós provocou.*

Benedito Nunes, “Ética e leitura”, de *Crivo de Papel*.

*O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando - se, traindo - se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem.*

Graciliano Ramos, *Angústia*.

*Romance desagradável, abafado, ambiente sujo, povoado de ratos, cheio de podridões, de lixo. Nenhuma concessão ao gosto do público. Solilóquio doído, enervante.*

Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, em nota a respeito de seu livro *Angústia*.

#### Questão 05)

Se o discurso literário “aclara o real ao desligar - se dele, transfigurando - o”, pode - se dizer que Luís da Silva, o narradorprotagonista de *Angústia*, já não se comove com a leitura de “histórias fáceis, sem almas complicadas” porque

- rejeita, como jornalista, a escrita de ficção.
- prefere alienar - se com narrativas épicas.
- é indiferente às histórias de fundo sentimental.
- está engajado na militância política.
- se afunda na negatividade própria do fracassado.

#### Questão 06)

Para Graciliano Ramos, *Angústia* não faz concessão ao gosto do público na medida em que compõe uma atmosfera

- dramática, ao representar as tensões de seu tempo.
- grotesca, ao eliminar a expressão individual.
- satírica, ao reduzir os eventos ao plano do riso.
- ingênua, ao simular o equilíbrio entre sujeito e mundo.
- alegórica, ao exaltar as imagens de sujeira.

#### Questão 07)

A felicidade, sensação tão volátil, instável, irredutível de homem a homem é cousa diferente, e não consente média a abranger centenas, milhares e milhões de seres humanos. Imaginas tu que *Madame Belasman*, de Petrópolis, tem um grande joanete, um defeito hediondo, com o qual sobremaneira sofre; e o operário Felismino, da mortona, orgulha-se em possuir um filho com talento. *Madame Belasman* vive acabrunhada com a exuberância de seu joanete. [...] entretanto, Felismino, quando bate rebites, sorri e antegoza o estrondo que uma parcela do seu sangue vai causar na sociedade. [...] Quem é mais feliz – pergunto – madame Belasman ou o senhor Felismino? E, à vista disso, poderás dizer que todas as damas de Petrópolis são felizes e os operários de fundição são desgraçados? Há média possível para a felicidade das classes? Nós, os modernos, nos vamos esquecendo que essas histórias de classe, de povos, de raças, são tipos de gabinetes, fabricados para as necessidades de certos edifícios lógicos, mas que fora deles desaparecem completamente: – Não são? Não existem.

**Fonte:** BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá.**

Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017, p 100-101. (fragmento).

Sobre o fragmento da obra **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**, de Lima Barreto, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Apresenta a ideia de que a felicidade varia de pessoa para pessoa e que, por ser um sentimento sólido e estável, uma vez sentida, permanece.
- b) Expõe a ideia de que a felicidade é um sentimento que pode ser medido entre as classes sociais e que alcança todos os seres humanos.
- c) Compara a felicidade dos homens mais simples com a felicidade das mulheres da classe alta, defendendo que a felicidade depende de fatores divinos.
- d) Defende que a felicidade depende da forma como cada pessoa se vê e se relaciona com sua realidade, independentemente de seu lugar social.

### TEXTO: 2 - Comum à questão: 8

O leitor encontra, neste belo número da Revista *Katálysis*, um panorama rico, denso e qualificado do que vem ocorrendo no mundo do trabalho hoje, com seus traços de “continuidade” e “descontinuidade”, num período em que o capitalismo aprofundou ainda mais as penalizações que está impondo ao universo laborativo, onde o “novo” e o “velho” se (re)configuram a partir da nova Divisão Internacional do Trabalho (DIT), que se reestruturou nas últimas décadas.

[...]

Se a Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, legou-nos um enorme processo de “desantropomorfização do trabalho” (Lukács); se o século XX pode ser caracterizado pelo que Braverman definiu como sendo a “era da degradação do trabalho”, as últimas décadas do século passado e os inícios do atual vêm

presenciando a generalização de “outras formas e modalidades de precarização”, [...] aquela responsável pela geração do *cybertariado* (Ursula Huws), uma nova força de trabalho global que mescla intensamente “informatização” com “informalização”. [...]

As consequências são fortes: nesta fase de desmanche, estamos presenciando o derretimento dos poucos laços de sociabilidade, [...] sem presenciarmos uma ampliação da vida dotada de sentido, nem “dentro” e nem “fora” do trabalho. A vida se consolida, cada vez mais, como sendo desprovida de sentido no trabalho e, por outro lado, estranhada e fetichizada\* também “fora” do trabalho, exaurindo-se no mundo sublimado do consumo (virtual ou real), ou na labuta incansável pelas qualificações de todo tipo, que são incentivadas como antídoto [...] para não perder o emprego daqueles que o têm.

É por isso que estamos presenciando uma desconstrução sem precedentes do trabalho em toda a era moderna, ampliando os diversos modos de ser da precarização e do desemprego estrutural. Resta para a “classe-que-vive-do-trabalho” oscilar, ao modo dos pêndulos, entre a busca de qualquer “labor” e a vivência do desemprego.

Este número especial da Revista *Katálysis*, dedicado às novas configurações do trabalho na sociedade capitalista, é uma contribuição efetiva para a linhagem crítica, atualizada e original, tanto pelos temas selecionados, quanto pela qualidade e competência dos colaboradores presentes, ajudando a descortinar tantos elementos que configuram a “nova morfologia do trabalho”, seus dilemas e desafios.

Ricardo Antunes, Editorial da Revista *Katálysis*, n.2, 2009.

<<https://tinyurl.com/y6nchqmr>> Acesso em: 19.10.2019. Adaptado.

\* fetichizar: ação de admirar exageradamente, irrestritamente, incondicionalmente uma pessoa ou coisa.

qualidade e competência dos colaboradores presentes...”

Texto reescrito: Uma contribuição efetiva pela linguagem crítica moderna e clássica foi feita pelo número especial da Revista *Katálysis*, devido aos temas abordados e à qualidade dos colaboradores...

### Questão 08)

Dentre as propostas de reescrita dos diferentes trechos retirados do texto, assinale a única que mantém o sentido original e que respeita as normas da variedade culta da língua portuguesa.

- a) Texto original: “É por isso que estamos presenciando uma desconstrução do trabalho sem precedentes...”

Texto reescrito: É por isso que uma desconstrução inédita do trabalho está sendo presenciada por nós...

- b) Texto original: “A vida se consolida, cada vez mais, como sendo desprovida de sentido no trabalho...”

Texto reescrito: Consolidam a vida, ininterruptamente, tirando do trabalho o sentido...

- c) Texto original: “...o capitalismo aprofundou ainda mais as penalizações que está impondo ao universo laborativo...”

Texto reescrito: As penalizações impostas ao universo laborativo aprofundaram ainda mais o capitalismo...

- d) Texto original: “...as últimas décadas do século passado e os inícios do atual vêm presenciando a generalização de ‘outras formas e modalidades de precarização’ ...”

Texto reescrito: ... entre meados do século XIX e início do século XXI, a difusão de “outras formas e modalidades de precarização” foi presenciada...

- e) Texto original: “Este número especial da Revista *Katálysis*... é uma contribuição efetiva para a linhagem crítica, atualizada e original, tanto pelos temas selecionados, quanto pela

### Questão 09)

Leia o trecho abaixo, extraído de *Sagarana*, de João Guimarães Rosa:

Estremecem, amarelas, as flores da aroeira. Há um frêmito nos caules rosados da erva-de-sapo. A erva-de-anum crispas as folhas, longas, como folhas de mangueira. Trepidam, sacudindo as estrelinhas alaranjadas, os ramos da vassourinha. Tirita a mamona, de folhas peludas, como o corselete de um caçununga, brilhando em verde-azul! A pitangueira se abala, do jarrete à grimpa. E o açoita-cavalos derruba frutinhas fendilhadas, entrando em convulsões.

– Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p’r’a gente deitar no chão e se acabar!...

É o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezaõ.

(GUIMARÃES ROSA. “Sarapalha”. *Sagarana*. Obra completa (vol. 1). Nova Aguilar, 1994. p. 295.)

O trecho extraído do conto “Sarapalha”, do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa, exemplifica um aspecto que está presente em todos os contos do mesmo livro. Assinale a alternativa que reconhece esse aspecto de forma adequada.

- a) A religiosidade cristã católica rege as decisões humanas e transforma os homens e a natureza a partir da ação direta de Deus.

- b) A ausência de aliterações e a economia de adjetivos são recursos utilizados para representar a aridez da natureza.
- c) A descrição pormenorizada do espaço físico visa a excluir a dimensão psicológica e mística da narrativa, para fortalecer a feição pitoresca da região.
- d) A descrição do meio físico é mediada pela visão do narrador, que apresenta a natureza como elemento tão reversível quanto a condição humana.
- e) São narrados duelos que se travam entre o meio e o homem e que são vencidos apenas pelo uso da força física e da valentia.

derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha,  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se finda.

(MELLO NETO, João Cabral de. Obra completa.  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 186-187.)

Considerando o trecho acima e a leitura integral do auto de João Cabral de Melo Neto, assinale a alternativa correta.

- a) O auto de João Cabral foi concluído em 1955, tempo em que ainda se iluminavam as casas com lamparinas, e, nessa situação, a percepção que Severino tem dos lugares que conhece é prejudicada pelas limitações da época e por sua própria ignorância.
- b) A comparação de Recife com a “derradeira ave-maria/ do rosário”, assim como as várias rezas que Severino testemunha ao longo da viagem, mostra a presença constante da religiosidade como um fator de atraso na vida dos nordestinos.
- c) Ao final, fica claro para o leitor que a vida no Recife também seria semelhante à das regiões menos desenvolvidas da Caatinga, do Agreste e da Zona da Mata, porque a pobreza não é causada pelas condições naturais, mas por uma estrutura social excludente.
- d) O empenho social de João Cabral de Melo Neto é o de sugerir aos retirantes que não saiam de sua terra, visto que, sem preparo, eles enfrentam dificuldades enormes no Recife, valendo mais a pena procurar desenvolver sua própria região.
- e) Ao chegar ao Recife, Severino ouve uma longa conversa entre dois coveiros e, percebendo que sua viagem havia sido inútil, entende a conversa como uma sugestão e se suicida, atirando-se no rio Capibaribe.

### Questão 10)

Em *Morte e vida severina*, Severino é um retirante que sai do interior com a intenção de chegar ao litoral, à cidade do Recife. Quando atinge a Zona da Mata, última região antes da chegada ao Recife, diz ele:

– Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vossas Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi estendê-la um pouco ainda.  
Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.  
Está apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:  
pois é igual o querosene  
que em toda parte ilumina,  
e quer nesta terra gorda  
quer na serra, de calíça,  
a vida arde sempre  
com a mesma chama mortíça.  
[...]

Sim, o melhor é apressar  
o fim dessa ladainha,  
fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;  
é chegar logo ao Recife,

### Questão 11)

Leia o trecho abaixo, de *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum:

No meu íntimo, creio que deixei a família e a cidade também por não suportar a convivência estúpida com os serviçais. Lembro Dorner dizer que o privilégio aqui no norte não decorre apenas da posse de riquezas.

– Aqui reina uma forma estranha de escravidão – opinava Dorner. – A humilhação e a ameaça são o açoite; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e golilhas.

Havia alguma verdade nesta sentença.

(HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 88.)

A respeito desse romance, considere as seguintes afirmativas:

1. Quem narra essa parte do relato é Hakim, filho preferido de Emilie, a quem ela ensinou o árabe na infância e que muito jovem se mudaria para o Sul do Brasil, jamais vendo a mãe novamente.
2. Dorner é um comerciante alemão, concorrente da loja da família de Emilie, a Parisiense, mas que se mantivera próximo à família por sua antiga amizade com Emir, o irmão suicida da matriarca.
3. O julgamento de Dorner, com o qual o narrador concorda, é injusto, e o tratamento cordial que toda a família de Emilie dedica à serviçal Anastácia Socorro é prova desse equívoco.
4. A referência à escravidão permite que se localize a ação de *Relato de um certo oriente* no final do século XIX, período em que o Ciclo da Borracha atraiu imigrantes para a região Norte.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

### Questão 12)

Leia o fragmento do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1988, p. 29).

*Quase todas as tradições e canções eram estrangeiras; o próprio “Tangolomango” o era também. Tornava-se, portanto, preciso arranjar alguma coisa própria, original, uma criação da nossa terra e dos nossos ares. Essa ideia levou-o a estudar os costumes tupinambás; e, como uma ideia traz outra, logo ampliou o seu propósito e eis a razão por que estava organizando um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis.*

Nesse fragmento, compreende-se que a preocupação central do protagonista, a qual se estende por toda a narrativa, é a de

- a) conhecer os costumes de povos estrangeiros.
- b) resgatar culturas brasileiras originais.
- c) valorizar comportamentos da vida urbana.
- d) mapear ritmos musicais de outras épocas.

### Questão 13)

José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura em Língua Portuguesa, produz o protagonista

Tertuliano Máximo Afonso no romance *O Homem duplicado*. Tal personagem é um professor de História que se sente infeliz na profissão e na vida pessoal. Uma das críticas socioestéticas da narrativa diz respeito

- a) à insensibilidade do enfoque disciplinar da matéria do professor perante as experiências variadas da vida.
- b) ao poder dos conteúdos matemáticos de estabelecer padrões de ordenamento da realidade cotidiana.
- c) à explicação dos manuais de Psicologia em relação à constituição da cultura europeia.
- d) ao projeto pedagógico universitário estabelecido para a educação portuguesa contemporânea.

#### Questão 14)

O escritor Lima Barreto faleceu em 1922, com saúde psicofísica cronicamente debilitada. Nesse mesmo ano ocorreu a Semana de Arte Moderna no Brasil, cujo propósito foi o resgate cultural de temas nacionais. Neste contexto, no romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o autor

- a) sustenta sua narrativa com elementos autobiográficos relacionados à sua frágil saúde.
- b) planeja disseminar aspectos da formação nacional desconhecidos do grande público.
- c) demonstra conhecer os mecanismos de exclusão social e política da população negra.
- d) expressa sua visão crítica contra os métodos psiquiátricos rotineiros no começo do Século XX.

#### TEXTO: 3 - Comum à questão: 15

##### Ferramentas da mente

<sup>1</sup> Toda tecnologia é uma expressão da vontade <sup>2</sup> humana. Através de nossas ferramentas, procuramos <sup>3</sup> expandir nosso poder e nosso controle sobre as circunstâncias <sup>4</sup> — sobre a natureza, sobre o tempo e a <sup>5</sup> distância, sobre o outro.

<sup>5</sup> Nossas tecnologias podem ser classificadas <sup>7</sup> conforme o modo como suplementam ou amplificam <sup>8</sup> nossas capacidades naturais. Um primeiro conjunto, <sup>9</sup> que inclui o arado, a agulha de costura e o caça a <sup>10</sup> jato, estende a força física, a destreza ou a resiliência <sup>11</sup> das pessoas. Um segundo conjunto, que inclui o <sup>12</sup> microscópio e o amplificador, estende a faixa ou a <sup>13</sup> sensibilidade dos nossos sentidos. Um terceiro grupo, <sup>14</sup> abarcando tecnologias tais como o reservatório, <sup>15</sup> a pílula anticoncepcional e o milho geneticamente <sup>16</sup> modificado, permite-nos remodelar a natureza para <sup>17</sup> servir melhor a nossas necessidades ou desejos. O <sup>18</sup> mapa e o relógio pertencem à quarta categoria, que <sup>19</sup> seria mais bem descrita como a das “tecnologias intelectuais”. <sup>20</sup> Estas incluem todas as ferramentas que <sup>21</sup> usamos para estender ou dar suporte aos nossos <sup>22</sup> poderes mentais — encontrar e classificar informação, <sup>23</sup> formular e articular ideias, partilhar *know-how* <sup>24</sup> e experiência, fazer medidas e realizar cálculos, expandir <sup>25</sup> a capacidade da nossa memória. A máquina <sup>26</sup> de escrever é uma tecnologia intelectual e, do mesmo <sup>27</sup> modo, a régua de cálculo, o globo, o livro e o jornal, a <sup>28</sup> escola e a biblioteca, o computador e a internet. Embora <sup>29</sup> o uso de qualquer tipo de ferramenta possa influenciar <sup>30</sup> nossos pensamentos e nossas perspectivas — o arado <sup>31</sup> mudou a visão do fazendeiro, o microscópio abriu novos <sup>32</sup> mundos de exploração mental para o cientista —, <sup>33</sup> são as tecnologias intelectuais que têm o maior e mais <sup>34</sup> duradouro poder sobre como pensamos.

<sup>35</sup> O que o mapa fez com o espaço — traduzir um <sup>36</sup> fenômeno natural em uma conceitualização artificial <sup>37</sup> e intelectual daquele fenômeno — o relógio mecânico, <sup>38</sup> outra tecnologia, fez com o tempo. Durante a <sup>39</sup> maior parte da história humana, as pessoas experimentaram <sup>40</sup> o tempo como um fluxo contínuo, cíclico. <sup>41</sup> Por conseguinte, sua “marcação” era realizada por <sup>42</sup> instrumentos

que enfatizavam seu processo natural: <sup>43</sup> relógios de sol nos quais as sombras giravam, ampulhetas <sup>44</sup> nas quais a areia caía, clepsidras nas quais a <sup>45</sup> água escorria. Não havia uma necessidade particular <sup>46</sup> de medir o tempo com precisão ou dividir um dia em <sup>47</sup> seus pequenos pedaços. Para a maioria das pessoas, <sup>48</sup> as estrelas forneciam os únicos relógios de que <sup>49</sup> precisavam.

<sup>50</sup> A necessidade de um maior rigor da programação <sup>51</sup> e da sincronização no trabalho, no transporte e <sup>52</sup> no lazer forneceu o impulso para um rápido progresso <sup>53</sup> da tecnologia do relógio. Agora, o tempo teria que <sup>54</sup> ser o mesmo em toda parte para não prejudicar o comércio <sup>55</sup> e a indústria. Unidades de tempo se tornaram <sup>56</sup> padronizadas — segundos, minutos, horas — e os <sup>57</sup> mecanismos do relógio sofreram um ajuste fino para <sup>58</sup> medirem essas unidades com precisão muito maior.

<sup>59</sup> O relógio mecânico mudou o modo como vemos <sup>60</sup> a nós mesmos. E, como o mapa, mudou o modo <sup>61</sup> como pensamos. O mapa e o relógio partilham uma <sup>62</sup> ética semelhante uma vez que ambos colocaram <sup>63</sup> uma nova ênfase na mensuração e na abstração, <sup>64</sup> na percepção e na definição de formas e processos <sup>65</sup> além daqueles aparentes aos sentidos.

<sup>66</sup> As recentes descobertas da neuroplasticidade <sup>67</sup> tornam mais visível a essência do intelecto, e mais fáceis <sup>68</sup> de assinalar seus passos e suas fronteiras. Elas <sup>69</sup> nos dizem que as ferramentas que o homem usou <sup>70</sup> para apoiar ou estender seu sistema nervoso modelaram <sup>71</sup> a estrutura física e o funcionamento do cérebro <sup>72</sup> humano. Seu uso fortaleceu alguns circuitos neurais <sup>73</sup> e enfraqueceu outros, reforçou certos traços mentais <sup>74</sup> enquanto deixou esmaecer outros. A neuroplasticidade <sup>75</sup> fornece o elo perdido para compreendermos como <sup>76</sup> os meios informacionais e outras tecnologias intelectuais <sup>77</sup> exerceram sua influência sobre o desenvolvimento <sup>78</sup> da civilização e ajudaram a guiar, em um nível <sup>79</sup> biológico, a história da consciência humana.

CARR, Nicholas. **A geração superfi cial**: o que a internet está fazendo com as nossas mentes.

Tradução: Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir. 2011. p. 69-75. Adaptado.

### Questão 15)

A frase que atende a exigências da norma-padrão da língua portuguesa, acerca da regência da palavra destacada nos trechos a seguir, é:

- A tecnologia pode influenciar negativamente as relações sociais, mas todos chegaram à **conclusão** que ela é necessária.
- O desenvolvimento da telefonia, da telegrafia, do rádio, do cinema e da fotografia trouxe a **certeza** que a nossa privacidade foi prejudicada.
- Os relógios de água e os de areia são instrumentos que os antigos já **dispunham** desde 600 a.C.
- A **compreensão** de que dependemos do tempo é incontestável, mesmo que não queiramos admitir isso.
- Os mapas modernos contêm dados específicos que os navegantes **precisam**, por serem diretos, exatos e sintéticos.

### TEXTO: 4 - Comuns às questões: 16, 17

#### O relógio

Nenhum igual àquele.

A hora no bolso do colete é furtiva,

a hora na parede da sala é calma,

a hora na incidência da luz é silenciosa.

Mas a hora no relógio da Matriz é grave  
como a consciência.

E repete. Repete.

Impossível dormir, se não a escuto.

Ficar acordado, sem sua batida.

Existir, se ela emudece.

Cada hora é fixada no ar, na alma,

continua sonhando na surdez.

Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa

varando o pedregal da noite.

Som para ser ouvido no longilongo

do tempo da vida.

Imenso

no pulso

este relógio vai comigo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo**: esquecer para lembrar. 1968. Livrandante. Disponível em: <http://livrandante.com.br/carlos-drummond-de-andrade-boitempo-esquecer-para-lembrar/>. Acesso em: 20 ago. 2019.

### Questão 16)

No texto, o recurso expressivo apresentado ao longo do poema é a(o)

- criação de metáforas para descrever a relação do eu lírico com o tempo.
- exploração de expressões comparativas para descrever a relação entre o eu lírico e o ambiente.

- emprego de sinestésias para explorar a semelhança sonora e gráfica entre as palavras.
- utilização de ironias para expressar a visão crítica do eu lírico sobre a passagem do tempo.
- uso de hipérboles inusitadas para enfatizar a ação do relógio sobre a vida humana.

### Questão 17)

O texto exemplifica o seguinte aspecto da obra do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade:

- impessoalidade no tratamento de temas, com ausência de subjetivismo e emoção
- valorização do cotidiano pela utilização de linguagem rebuscada e preocupação formal
- reflexão metafísica e existencial, por meio do emprego de versos livres e ausência de rimas
- busca do real por meio da exploração de aspectos visuais e sonoros de objetos e lugares
- retomada da tradição lírica na abordagem de temas como o amor, a vida e a terra natal

### Questão 18)

Leia este poema de Murilo Mendes, poeta representativo do Modernismo brasileiro.

- Eu fui criado à tua imagem e semelhança.

Mas não me deixaste o poder

de multiplicar o pão do pobre,

Nem a neta de Madalena para me amar,

O segredo que faz andar o morto e faz o cego ver.

Deixaste-me de ti somente

o escárnio que te deram,

Deixaste-me o demônio que te tentou no deserto,

Deixaste-me a fraqueza que sentiste no horto,

E o eco do teu grande grito de abandono:

Por isso serei angustiado e só até a consumação dos meus dias.

Por que não me fizeste morrer pelo gládio de Herodes,

Ou por que não me fizeste morrer no ventre da minha mãe?

Não me liguei ao mundo, nem venci o mundo.

Já me julguei muito antes do teu julgamento.

E já estou salvo porque me deste a poeira por herança.

[...]

Antes da separação entre os homens

Existe a separação entre o homem e Deus.

É doce te encarar como poeta e amigo,

É duro te encarar como criador e juiz.

Tu me guardas como instrumento de teus desígnios,

Tu és o Grande Inquisidor perante mim.

Por que me queres vivo?

Mata-me desde já.

Cria outras almas, outros universos,

Sonda-os, explora-os com tua lente enorme.

Mas faze cessar um instante o meu suplício.

[...]

MENDES, Murilo. **Novíssimo job.**

Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/abl/media/poesia2.p>

Os versos que criam a face de um Deus positivo e ambíguo são:

- Antes da separação entre os homens / Existe a separação entre o homem e Deus.
- É doce te encarar como poeta e amigo, / É duro te encarar como criador e juiz.
- Eu fui criado à tua imagem e semelhança. / Mas não me deixaste o poder de multiplicar o pão do pobre.
- Já me julguei muito antes do teu julgamento. / E já estou salvo porque me deste a poeira por herança.
- Tu me guardas como instrumento de teus desígnios, / Tu és o Grande Inquisidor perante mim.

### Questão 19)

#### XXVI

Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta,

Em que as coisas têm toda a realidade que podem ter,

Pergunto a mim próprio devagar

Porque sequer atribuo eu

Beleza às coisas.

Uma flor acaso tem beleza?

Tem beleza acaso um fruto?

Não: têm cor e forma

E existência apenas.

A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe

Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.

Não significa nada.

Então porque digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,

Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens

Perante as coisas,

Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

(PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caeiro**.

São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.51.)

No poema XXVI, de *O guardador de rebanhos*, Alberto Caeiro

- revela que, ao se questionar sobre a beleza presente na natureza, é capaz de apreender a existência real das coisas.
- defende que só entregando-se intencionalmente à vida, sentindo a realidade das coisas, é possível apreender a beleza do mundo.
- admite sua incapacidade de ver a beleza presente na realidade, uma vez que não consegue se desvencilhar da natureza ilusória das sensações.
- considera inútil atribuir beleza às coisas vistas, pois o belo é um atributo invisível, que nada tem a ver com a existência concreta dos seres.

## Legado

Que lembrança darei ao país que me deu

tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?

Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu

minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?

Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.

Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,

a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,

uma voz matinal palpitando na bruma

e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso

na vida, restará, pois o resto se esfuma,

uma pedra que havia em meio do caminho.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**.

4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 19.)

Analise as seguintes afirmações a respeito do poema “Legado”.

- O eu lírico apresenta reflexão desencantada sobre o papel da poesia e do poeta em relação ao mundo.
- O poema revela o afastamento de Carlos Drummond de Andrade em relação à poesia de teor social.

## Questão 20)

- III. O sujeito lírico constata que o poeta é incapaz de transformar a realidade, pois sua ação no mundo é marcada pela incerteza.

(ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Vol 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 147.)

Estão corretas as afirmações:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III
- d) I, II e III.

**Vocabulário:** 1 gimnoto: peixe com órgãos elétricos capaz de produzir choque.

A epígrafe, inserida no início de um livro ou capítulo, é um texto que geralmente antecipa o tema ou algum aspecto da obra que introduz. **A respeito da epígrafe do conto “Duelo”, protagonizado por Cassiano e Turíbio, assinale a alternativa correta.**

### Questão 21)

E grita a piranha cor de palha,  
irritadíssima:  
- Tenho dentes de navalha, e  
com um pulo de ida-e-volta  
resolvo a questão!...  
- Exagero... – diz a arraia –  
eu durmo na areia,  
de ferrão a prumo,  
e sempre há um descuidoso  
que vem se espetar.  
- Pois, amigas, – murmura o gimnoto1,  
mole, carregando a bateria –  
nem quero pensar no assunto:  
se eu soltar três pensamentos  
elétricos,  
bate-poço, poço em volta,  
até vocês duas  
boiarão mortas...  
(Conversa a dois metros de profundidade).

- a) A fala da piranha simboliza a força bruta de Turíbio, por meio da qual ele será capaz de vencer o esperto Cassiano em duelo.
- b) O “pensamento elétrico” do gimnoto representa a astúcia necessária para que Cassiano, mesmo morto, possa concretizar sua vingança contra Turíbio.
- c) A estratégia da arraia assemelha-se ao plano que Cassiano colocará em prática no final da narrativa para surpreender Turíbio e vencê-lo em combate.
- d) O diálogo entre a piranha, a arraia e o gimnoto prenuncia a habilidade de que se valem as personagens Cassiano e Turíbio para enganarem um ao outro por meio do discurso.

### Questão 22)

Considerando-se manifestações programáticas dos modernistas Oswald de Andrade e Mário de Andrade, como as do *Prefácio interessantíssimo* e do *Manifesto antropófago*, é correto concluir que esses mentores do Modernismo de 22

- a) apoiaram-se em teses anárquicas e obscuras, na intenção deliberada de destruir qualquer vestígio de racionalidade que pudesse contaminar a liberdade da arte.

- b) voltaram-se para a absorção fiel de valores da vanguarda europeia, negando assim a relevância de qualquer elemento propriamente nacional.
- c) procuraram remodelar os rumos da nossa literatura com bases firmadas no nacionalismo romântico, incluindo-se aí a mitificação idealizadora do índio.
- d) buscaram integrar conquistas das vanguardas europeias numa visão crítica da história e da cultura brasileiras, projetando avaliações ideológicas e linguagens radicais.
- e) reavaliaram a tradição das manifestações literárias em nossa terra, optando por valorizar sobretudo a contribuição dos autores clássicos para a formação de um gosto nacional.

- d) *Minhas palavras são a metade de um diálogo obscuro*

*Continuando através de séculos impossíveis.*

*Nossas perguntas e respostas se reconhecem*

*Como os olhos dentro dos espelhos.*

- e) *Daí porque o sertanejo fala pouco:*

*as palavras de pedra ulceram a boca*

*e no idioma pedra se fala doloroso;*

*o natural desse idioma fala à força.*

### TEXTO: 5 - Comuns às questões: 24, 25

#### A explosão da solidão

#### Questão 23)

Na elaboração de sua poesia, João Cabral de Melo Neto não teve dúvida em amadurecer um projeto radical de linguagem, de caráter programático, pelo qual sua expressão poética adota uma rígida disciplina formal. Por conta disso, muitas passagens de sua poesia traduzem um compromisso com o necessário rigor da forma, tal como se vê nestes versos:

- a) *Mundo mundo, vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.*
- b) *Vou-me embora pra Pasárgada,  
Lá sou amigo do rei,  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei.*
- c) *Meu verso é minha consolação.  
Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem  
sua cachaça.*

1. Em 1973, o americano Robert King foi preso pela terceira vez. A polícia o levou para a cadeia de Nova Orleans, onde conheceu membros dos Panteras Negras: um grupo que misturava ativismo com violência. King se juntou a eles para exigir melhores condições carcerárias. Não conseguiu e foi transferido para a Penitenciária Estadual da Louisiana. Ao chegar, foi colocado na solitária – na qual passaria os 29 anos seguintes. Foram três décadas absurdamente sozinho. King só podia sair da cela de 2x2,5m uma hora por dia (quando ficava isolado numa gaiola sem poder se aproximar dos outros presos).

2. Em 2001, aos 59 anos, ele foi solto. Ao tentar se adaptar à vida em sociedade, descobriu que não conseguia reconhecer rostos, seguir rotas para ir a um lugar, e se tornou objeto de interesse da ciência: no ano passado, King foi convidado a contar sua história no congresso da Sociedade Americana de Neurociência. O caso dele é notável, pois nunca um ser humano havia-se submetido a um período de isolamento tão longo e sobrevivido com lucidez para contar como foi. A solitária, geralmente, enlouquece suas vítimas e há razões concretas para isso.

3. O isolamento prolongado tem efeitos neurológicos. Pode fazer muito mal. E não só para quem está trancafiado numa cela. Você já deve ter-se sentido solitário e sabe o quão desagradável isso é. A solidão pode ser objetiva, ou seja, derivada de um isolamento real, ou subjetiva, numa sensação criada pela mente (esse tipo de solidão se manifesta, por exemplo, quando nos sentimos sós, mesmo estando cercados de outras pessoas). Em ambos os casos, ela é um alerta do organismo para que busquemos a companhia de mais pessoas, e aumentemos, assim, nossa chance de sobrevivência. Isso era tão verdadeiro na Pré-História, quanto é no mundo de hoje. A novidade é que, por motivos ainda não elucidados, a solidão parece estar aumentando, a ponto de se tornar uma epidemia. Nos EUA, 76% das pessoas apresentam níveis moderados ou altos de solidão, segundo estudos da Universidade da Califórnia.

4. Na década de 1980, cada americano tinha em média 2,94 “amigos do peito”. Em 2011, a média nacional caiu para 2,03 amigos próximos. Na Inglaterra, 66% da população apresenta sintomas de solidão crônica.

5. Não há números a respeito no Brasil, mas os indicadores mais relevantes apontam na mesma direção. Entre 2004 e 2014, o número anual de divórcio aumentou 250%. Entre 1991 e 2019, a quantidade de pessoas que moram sozinhas subiu 340%.

6. Em suma, a solidão é onipresente e está crescendo. O problema é que ela pode matar. Solitários têm 29% mais chances de sofrer de doenças cardíacas; 32% mais risco de ter um AVC. E são 200% mais propensos a desenvolver Alzheimer. Em mulheres solitárias, a reincidência de câncer de mama é 40% maior, e a propensão à letalidade chega a 60%. Quem já experimentou um grau elevado de solidão tem três vezes mais chances de cair em depressão. A solidão é mais letal que a obesidade e o alcoolismo e consegue ser tão nociva quanto o tabagismo.

7. De toda forma, segue aqui uma dica: pare e pense nos sentimentos que você tem em comum com as outras pessoas. A começar por este: elas, assim como você, estão se sentindo meio isoladas. Todo mundo anda meio solitário – e, exatamente por isso, você não está sozinho.

(Revista *Super Interessante*, n. 407. Set. 2019.  
Adaptado).

#### Questão 24)

O texto aborda um tema menos divulgado, mas assenta sua argumentação em dados reais e estudos científicos. Concretamente, o Texto 1 pretende:

- a) recomendar a tolerância no convívio com outras pessoas, uma vez que o isolamento representa um risco para a saúde global de cada um.
- b) apoiar os achados científicos conseguidos em laboratórios, em relação às causas de algumas doenças mais graves.
- c) avisar a população urbana acerca dos riscos advindos da „falta de companhia“, uma prática tão estranha aos olhares de novas culturas.
- d) advertir os leitores dos males advindos do isolamento social, que atinge o mundo moderno e ameaça o seu bem-estar físico e psicológico.
- e) exteriorizar uma crítica aos procedimentos carcerários americanos, que, seguramente, ferem o lado mais constitutivo de ser humano.

#### Questão 25)

A argumentação elaborada no texto tem como base e como suporte, respectivamente:

- a) a diferença entre tipos de solidão e a análise de situações de retraimento.
- b) dados impressionantes de uma narrativa e análises de pesquisas científicas.
- c) costumes da Pré-História e a opção moderna pela prática do isolamento.
- d) a significação do termo „solidão“ e suas consequências letais para os humanos.
- e) lutas humanas por adaptação a situações novas e resultados conseguidos.

- 1. são objeto da prosa romanesca os contrastes humanos e sociais em que vivia a população do sertão nordestino, aprisionada que era pelas agruras das frequentes e duras secas.
- 2. de certa forma, vigorava a força realista do século XIX: a prosa literária pretendia mostrar o nordestino real, e não mais o tipo idealizado pelos romances do Romantismo.
- 3. os leitores podiam não só saber como viviam os sertanejos integrados à região, mas podiam conhecer como esses sertanejos eram reféns ou aprisionados pelas duras limitações desse sertão.
- 4. *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz fazem parte dessa vertente da narrativa ficcional brasileira.

### Questão 26)

Em princípios do século XX, o Brasil presenciou a concretização da Semana de Arte Moderna. Este evento, até hoje uma das principais referências para a história da Literatura nacional, ganhou preponderância incontestável. Isso devido:

- a) ao interesse de jovens artistas por difundir os ideais da arte moderna europeia.
- b) às teorias neo-clássicas vinculadas à criação da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.
- c) ao anseio de renovação da estética vigente, a favor de novas propostas artísticas brasileiras.
- d) ao apoio sólido dado à arte literária do Parnasianismo, traduzido na defesa de aspectos culturais da língua nacional.
- e) às concepções linguísticas da época, que defendiam a máxima objetividade de sentido também para a produção artística.

Estão corretas:

- a) 1, 2, 3 e 4.
- b) 2, 3 e 4, apenas.
- c) 1, 3 e 4, apenas.
- d) 1 e 4, apenas.
- e) 2 e 3, apenas.

**TEXTO: 6 - Comuns às questões: 28, 29**

### *Vergonha de viver*

<sup>01</sup> Há pessoas que têm vergonha de viver: são os tímidos, entre <sup>02</sup> os quais me incluo. Desculpem, por exemplo, estar tomando lugar <sup>03</sup> no espaço. Desculpem eu ser eu. Quero ficar só! grita a alma do <sup>04</sup> tímido que só se liberta na solidão. Contraditoriamente quer o quente <sup>05</sup> aconchego das pessoas. Vai, Carlos, vai ser gauche na vida. (Não <sup>06</sup>

### Questão 27)

A Literatura, além de suas funções inerentemente dirigidas à ficção, costuma ter, também, uma função social, uma espécie de denúncia, mais ou menos explícita, em relação a diferentes problemas sociais. Nessa perspectiva, podemos incluir a segunda fase do Modernismo Brasileiro (de 1930 a 1945), na qual:

sei se estou citando Drummond do modo certo, escrevo de cor).

<sup>07</sup> E para pedir aumento de salário – a tortura. Como começar? <sup>08</sup> Apresentar-se com fingida segurança de quem sabe quanto vale em <sup>09</sup> dinheiro – ou apresentar-se como se é, desajeitado e excessivamente <sup>10</sup> humilde.

<sup>11</sup> O que faz então? Mas é que há a grande ousadia dos tímidos. E <sup>12</sup> de repente cheio de audácia pelo aumento com um tom reivindicativo <sup>13</sup> que parece contundente. Mas logo depois, espantado, sente-se mal, <sup>14</sup> julga imerecido o aumento, fica todo infeliz.

Clarice Lispector

tomando como ponto de partida um tipo social cujo comportamento é centrado na timidez.

### Questão 29)

Considere as seguintes observações sobre a vida e a obra de Clarice Lispector.

- I. Durante sua carreira, Clarice Lispector se consolidou como escritora escrevendo principalmente contos, romances e crônicas.
- II. Na infância, antes de se mudar em definitivo para o Rio de Janeiro, Clarice Lispector morou em Alagoas e Pernambuco. Devido a isso, ela se transformou no principal nome do Regionalismo modernista, dando continuidade às temáticas consolidadas por José Lins do Rego.
- III. João Guimarães Rosa e Clarice Lispector são considerados pela historiografia literária como dois dos mais relevantes nomes da assim chamada “Terceira Fase” do Modernismo brasileiro.

Assinale a alternativa correta.

- a) As afirmações I e II estão corretas.
- b) As afirmações I e III estão corretas.
- c) As afirmações II e III estão corretas.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

### Questão 28)

Assinale a alternativa correta.

- a) A condenação, por parte da autora, do comportamento da timidez transforma “Vergonha de viver” em uma das mais contundentes e ácidas crônicas escritas pela autora de *Felicidade clandestina*.
- b) Não há marcas de empatia, no texto, da autora para com as pessoas as quais ela classifica como “tímidos”, configurando, por conseguinte, um acentuado distanciamento entre a cronista e o tema sobre o qual escreveu.
- c) Nos três parágrafos do trecho escolhido de “Vergonha de viver” é facilmente encontrável a intensa experiência epifânica, cuja presença desarticula o eixo sintático-semântico da crônica, assim como o equilíbrio racionalista da autora.
- d) Ao citar um conhecido verso, de autoria do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector escolhe filiar-se a pressupostos estéticos vinculados a uma tradição neoparnasiana na prosa.
- e) Em “Vergonha de viver”, Clarice Lispector escolhe comentar sobre fatos da vida cotidiana

### TEXTO: 7 - Comum à questão: 30

- v.01 Para as Estrelas de cristais gelados
- v.02 As ânsias e os desejos vão subindo,
- v.03 Galgando azuis e siderais noivados
- v.04 De nuvens brancas a amplidão vestindo...

- v.05 Num cortejo de cânticos alados  
 v.06 Os arcanjos, as cítaras ferindo,  
 v.07 Passam, das vestes nos troféus prateados,  
 v.08 As asas de ouro finamente abrindo...
- v.09 Dos etéreos turíbulos de neve  
 v.10 Claro incenso aromal, límpido e leve,  
 v.11 Ondas nevoentas de Visões levanta...
- v.12 E as ânsias e os desejos infinitos  
 v.13 Vão com os arcanjos formulando ritos  
 v.14 Da Eternidade que nos Astros canta...

Cruz e Sousa, *Broquéis*

um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.

LISPECTOR, Clarice. Viagem a Petrópolis. *In: A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 51.



DA VINCI, Leonardo. *Anatomia* – Desenho de feto no útero. Disponível em: [https://www.ebay.com/itm/Da-Vinci-Anatomy-Drawings-Fetus-in-Utero-Art-Print-/191954119588?\\_ul=BR](https://www.ebay.com/itm/Da-Vinci-Anatomy-Drawings-Fetus-in-Utero-Art-Print-/191954119588?_ul=BR). Acesso em: 26 abr. 2019.

### Questão 30)

Assinale as correntes estéticas que, por aproximação, possuem mais afinidades com o simbolismo de “Siderações”.

- Naturalismo e Realismo.
- Trovadorismo e Quinhentismo.
- Ultrarromantismo e Decadentismo.
- Classicismo e Neoclassicismo.
- Modernismo e Pós-modernismo.

### TEXTO: 8 - Comum à questão: 31

A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre

### Questão 31)

O fragmento pertence ao Modernismo brasileiro, ao passo que o desenho se filia ao Renascimento, pois

- retrata, implicitamente, que a vida rural é saudável, evidenciando a pertinência de *fugere urbem*.
- tematiza o dilema de uma consciência dividida entre o prazer carnal e o imperativo espiritual.
- é tributário de um procedimento valorativo do uso da razão, da ciência e da natureza.
- sobrepõe o dever religioso à satisfação da curiosidade humana, considerada fonte de pecado.
- veicula a ideia de que se deve viver com plenitude, instaurando o que se denomina *carpe diem*.

**TEXTO: 9 - Comum à questão: 32****Legado do Iluminismo**

<sup>1</sup> O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a <sup>2</sup> história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou <sup>3</sup> desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de <sup>4</sup> seus grilhões. Ele levou a injunção de Alexander Pope, de que “o estudo próprio da humanidade é o <sup>5</sup> homem”, muito a sério. Na medida em que ele também saudava a criatividade humana, a descoberta <sup>6</sup> científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas <sup>7</sup> acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição <sup>8</sup> necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado. Abundavam doutrinas de <sup>9</sup> igualdade, liberdade, fé na inteligência humana (uma vez permitidos os benefícios da educação) e razão <sup>10</sup> universal. “Uma boa lei deve ser boa para todos”, pronunciou Condorcet às vésperas da Revolução <sup>11</sup> Francesa, “exatamente da mesma maneira como uma proposição verdadeira é verdadeira para todos”. <sup>12</sup> Essa visão era incrivelmente otimista. Escritores como Condorcet, observa Habermas (1983, p. 9), estavam <sup>13</sup> possuídos “da extravagante expectativa de que as artes e as ciências iriam promover não somente o <sup>14</sup> controle das forças naturais, mas também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça <sup>15</sup> das instituições e até a felicidade dos seres humanos”.

<sup>16</sup> O século XX – com seus campos de concentração e esquadrões da morte, seu militarismo e duas <sup>17</sup> guerras mundiais, sua ameaça de aniquilação nuclear e sua experiência de Hiroshima e Nagasaki – <sup>18</sup> certamente deitou por terra esse otimismo. Pior ainda, há suspeita de que o projeto do Iluminismo estava <sup>19</sup> fadado a voltar-se contra si mesmo e transformar a busca da emancipação humana num sistema de <sup>20</sup> opressão universal em nome da libertação humana. Essa foi a atrevida tese apresentada por Horkheimer e <sup>21</sup> Adorno em *Dialética do esclarecimento* (1972).

Escrevendo sob as sombras da Alemanha de Hitler e da <sup>22</sup> Rússia de Stálin, eles alegavam que a lógica que se oculta por trás da racionalidade iluminista é uma lógica <sup>23</sup> da dominação e da opressão. A ânsia por dominar a natureza envolvia o domínio dos seres humanos, o <sup>24</sup> que no final só poderia levar a “uma tenebrosa condição de autodominação”, conforme salienta Bernstein <sup>25</sup> (1985, p. 9). A revolta da natureza, que eles apresentavam como a única saída para o impasse, tinha, <sup>26</sup> portanto, de ser concebida como uma revolta da natureza humana contra o poder opressor da razão <sup>27</sup> puramente instrumental sobre a cultura e a personalidade.

<sup>28</sup> São questões cruciais saber (i) se o projeto do Iluminismo estava ou não fadado desde o começo a <sup>29</sup> nos mergulhar num mundo kafkiano; (ii) se tinha ou não de levar a Auschwitz e Hiroshima; e (iii) se lhe <sup>30</sup> restava ou não poder para formar e inspirar o pensamento e a ação contemporâneos. Há quem, como <sup>31</sup> Habermas, continue a apoiar o projeto, se bem que com forte dose de ceticismo quanto às suas metas, <sup>32</sup> com muita angústia quanto à relação entre meios e fins e com certo pessimismo no tocante à possibilidade <sup>33</sup> de realizar tal projeto nas condições econômicas e políticas contemporâneas. E há quem – e isso é o cerne <sup>34</sup> do pensamento filosófico pós-modernista – insista que devemos, em nome da emancipação humana, <sup>35</sup> abandonar por inteiro o projeto iluminista. A posição a tomar depende de como se explica o “lado sombrio” <sup>36</sup> da nossa história recente e do grau até o qual o atribuímos aos defeitos da razão iluminista, e não à falta de <sup>37</sup> sua correta aplicação.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. p. 23-24. (Adaptado).

**Questão 32)**

No período “O pensamento iluminista abraçou a ideia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade” (Refs. 1-2), as palavras “abraçou” e “esposada” são usadas em sentido

- a) literal
- b) irônico
- c) filosófico
- d) metafórico
- e) metalinguístico

<https://arteeartistas.com.br/saudade-almeida-junior/>. Acesso em: 16 out. 2019.

Tanto na pintura quanto no fragmento apresentados verificam-se características do

- a) Modernismo
- b) Simbolismo
- c) Arcadismo
- d) Realismo
- e) Barroco

### Questão 33)

Leia o fragmento e observe a imagem a seguir.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio d'água que escorria da altura e uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: FTD, 1993.p. 41.



JÚNIOR, Almeida. Saudade. Óleo sobre tela 1899. Disponível em:

### Questão 34)

Ao descrever a rotina do protagonista Raimundo Silva, o narrador da *História do Cerco de Lisboa* afirma que só restaram fragmentos dos sonhos noturnos, “imagens insensatas aonde a luz não chega, indevassáveis até para os narradores, que as pessoas mal informadas acreditam terem todos os direitos e disporem de todas as chaves.”

(José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.122.)

Com base nesse excerto e relacionando-o ao conjunto do romance, é correto afirmar que o narrador é

- a) polifônico, pois, ao considerar todos os pontos de vista das personagens, relativiza a visão de mundo e respeita a privacidade delas.
- b) observador, pois dissimula sua avaliação política da realidade ao se mostrar empático ao mundo das personagens.
- c) protagonista, pois, ao fazer parte da própria narrativa, assemelha-se às demais personagens e não pode duvidar dos protocolos necessários para contar a história de Portugal.

- d) onisciente, pois simula ser tolerante com a pluralidade de vozes narrativas, mas é a singularidade de seu modo de narrar que produz a coesão e a autonomia da narração.

### Questão 35)

Leia atentamente o excerto do soneto “O acendedor de lampiões”, de Jorge de Lima, e assinale a opção **CORRETA**.

“Triste ironia atroz que o senso humano irrita: –  
ele que doira a noite e ilumina a cidade,  
talvez não tenha luz na choupana em que  
habita.

Tanta gente também nos outros insinua

crenças, religiões, amor, felicidade,

como este acendedor de lampiões da rua!”

- a) Trata-se de um soneto decassílabo, com rimas externas, denotando, pelo cuidado com a forma e temática, pertencer ao movimento parnasiano.
- b) O poema retrata a amargura da profissão de acendedor lampiões em uma sociedade que não valoriza o trabalho, tampouco o trabalhador braçal.
- c) O soneto retrata a miséria nos subúrbios dos grandes centros brasileiros, onde a situação é tão precária que não há luz elétrica para os moradores.
- d) A temática proposta no poema faz alusão à hipocrisia humana, principalmente no que diz respeito à crença, religião, amor, felicidade.
- e) Acender lampiões se traduz como um ato de coragem, de bravura, pois o acendedor de lampiões não se cansa de executar seu trabalho.

### Questão 36)

No que tange o romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, é **CORRETO** afirmar que:

- a) a obra fora escrita para denunciar o cangaço e o cangaceiro, representados na personagem Antônio Silvino, que espalhava terror e morte pelo Nordeste brasileiro, mormente na década de 30.
- b) trata-se de um romance panfletário, de tom político, pois nota-se a denúncia dos problemas sociais: a miséria, a fome, a seca que assolam o sertão nordestino da época.
- c) o título “fogo morto” aponta para a decadência em sentido amplo, tanto do engenho que cede lugar à usina, quanto da expressão de um Nordeste decadente.
- d) a obra *Fogo morto* pertence ao ciclo do cangaço, juntamente a outros dois romances do autor: *Pedra bonita* e *Cangaceiros*, haja vista a decadência do engenho.
- e) Coronel Lula, Capitão Vitorino e Capitão Antônio Silvino são representantes do Exército nacional, que tiveram ascensão no Nordeste brasileiro na década de 40.

### Questão 37)

Sobre o conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, é **CORRETO** afirmar que:

- a) traz um protagonista masculino, o que é típico do universo ficcional desta escritora.
- b) traz um narrador masculino envolvido por personagens femininas, como estratégia de reafirmação da posição feminina no universo ficcional.
- c) traz um narrador feminino, marcado pela falta, por uma carência que são típicas da

humanidade tal como costuma ser descrita no universo ficcional desta escritora.

- d) traz como narrador-protagonista uma personagem imbuída de bastante poder, para questionar a forma como ela lida com ele cotidianamente.
- e) traz uma narradora observadora, que critica o comportamento masculino para reafirmar-se diante dos homens.

### Questão 38)

Dê um título sugestivo e criativo à sua redação.

Defenda ou refute as ideias apresentadas através de uma dissertação/argumentação integrada, coerente, organizada e estruturada. Fundamente suas ideias com argumentos, sem sair do tema. Aderência ao tema é um dos itens de avaliação.

### TEMA

Observe a charge abaixo atentamente:



(Fonte:

<https://www.academiabelohorizonte.com.br/>)

Com base no conteúdo da charge acima e nos seus conhecimentos sobre o assunto, escreva um **texto dissertativo entre 15 (quinze) e 20 (vinte) linhas**, adequadamente dividido em parágrafos, tratando sobre o seguinte tema:

### “Vantagens e desvantagens da moderna geração digital”

### Questão 39)

Considere os textos que seguem.

Eu tenho um coração maior que o mundo,

tu, formosa Marília, bem o sabes;

um coração, e basta,

onde tu mesma cabes.

(Tomás Antônio Gonzaga,  
*Marília de Dirceu*)

Não, meu coração não é maior que o mundo.

É muito menor.

Nele não cabem sequer as minhas dores.

(Carlos Drummond de Andrade,  
*Sentimento do Mundo*)

Assinale a afirmação **correta** sobre os dois textos:

- a) Por pertencer à fase heroica ou iconoclasta do Modernismo, Carlos Drummond de Andrade parodia o lirismo sentimental do árcade Tomás Antônio Gonzaga.
- b) Enquanto o poeta do Arcadismo, Gonzaga, expressa seu sentimento pela musa Marília, o modernista Drummond reporta-se, nesse trecho, às divergências ideológicas.
- c) Gonzaga, como muitos árcades, é alheio ao que está a seu redor, já Drummond expressa um sentimento de revolta ante um mundo que não compreende as dores do poeta.

- d) Em Gonzaga, o coração do poeta alcança a plenitude com a presença da amada. Em Drummond, o coração é insuficiente para abarcar as próprias dúvidas existenciais.
- e) Tomás A. Gonzaga usa a imagem do “mundo” para instigar a musa Marília a aceitá-lo; Drummond retoma o procedimento do poeta árcade, ressaltando o sofrimento por causa da amada.

Assinale o item cuja obra **não é passível** de ser relacionada com o exposto acima.

- a) Em *Urupês*, de Monteiro Lobato, a personagem Jeca Tatu, da zona rural do vale do Paraíba paulista, com sua “casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar o João-de-Barro”.
- b) Em *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, João Romão, na sua ganância, “não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores”.
- c) Em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, a carpideira afirma ao retirante Severino que naquela região do agreste “pouco existe o que lavar”.
- d) Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o narrador apresenta a personagem Fabiano muitas vezes em condição de penúria, “encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra”.
- e) Em *Duelo*, de Guimarães Rosa, a personagem Timpim Vinte-e-Um vive na miséria, carrega umas mandioquinhas para a “mulher, que teve criança” e “não tem nada lá em casa p’ra ela comer”.

### TEXTO: 10 - Comum à questão: 40

O trecho que segue é da personagem Olga, de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance de Lima Barreto.

*O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. (...) Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? (...) Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar relativamente. (...) Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...*

(Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*)

### GABARITO:

1) Gab: D

2) Gab: A

3) Gab: C

4) Gab: E

5) Gab: E

### Questão 40)

É possível estabelecer um paralelo entre a passagem acima e outros textos da Literatura brasileira por apresentarem reflexões críticas em relação à miséria, similares ao pensamento de Olga. Essa abordagem ocorre nas referências abaixo, exceto em uma.

juiz. Nos dois, há essa imagem ambígua de Deus, ao mesmo tempo, amigável (poeta, amigo, criador) e severa (juiz).

6) Gab: A

7) Gab: D

8) Gab: A

9) Gab: D

10) Gab: C

11) Gab: A

12) Gab: B

13) Gab: A

14) Gab: B

15) Gab: D

16) Gab: A

17) Gab: C

18) Gab: B

Os versos “É doce te encarar como poeta e amigo, /  
É duro te encarar como criador e juiz.” apresentam a contraposição entre um Deus que é “poeta e amigo”, portanto, tem a face positiva que faz o eu lírico encará-lo com doçura, e um Deus criador e

19) Gab: D

20) Gab: D

21) Gab: B

22) Gab: D

23) Gab: E

24) Gab: D

25) Gab: B

26) Gab: C

27) Gab: A

28) Gab: E

29) Gab: B

30) Gab: C

31) Gab: C

**32) Gab: D**

**33) Gab: D**

**34) Gab: D**

**35) Gab: D**

**36) Gab: C**

**37) Gab: C**

**38)**

**39) Gab: D**

**40) Gab: B**